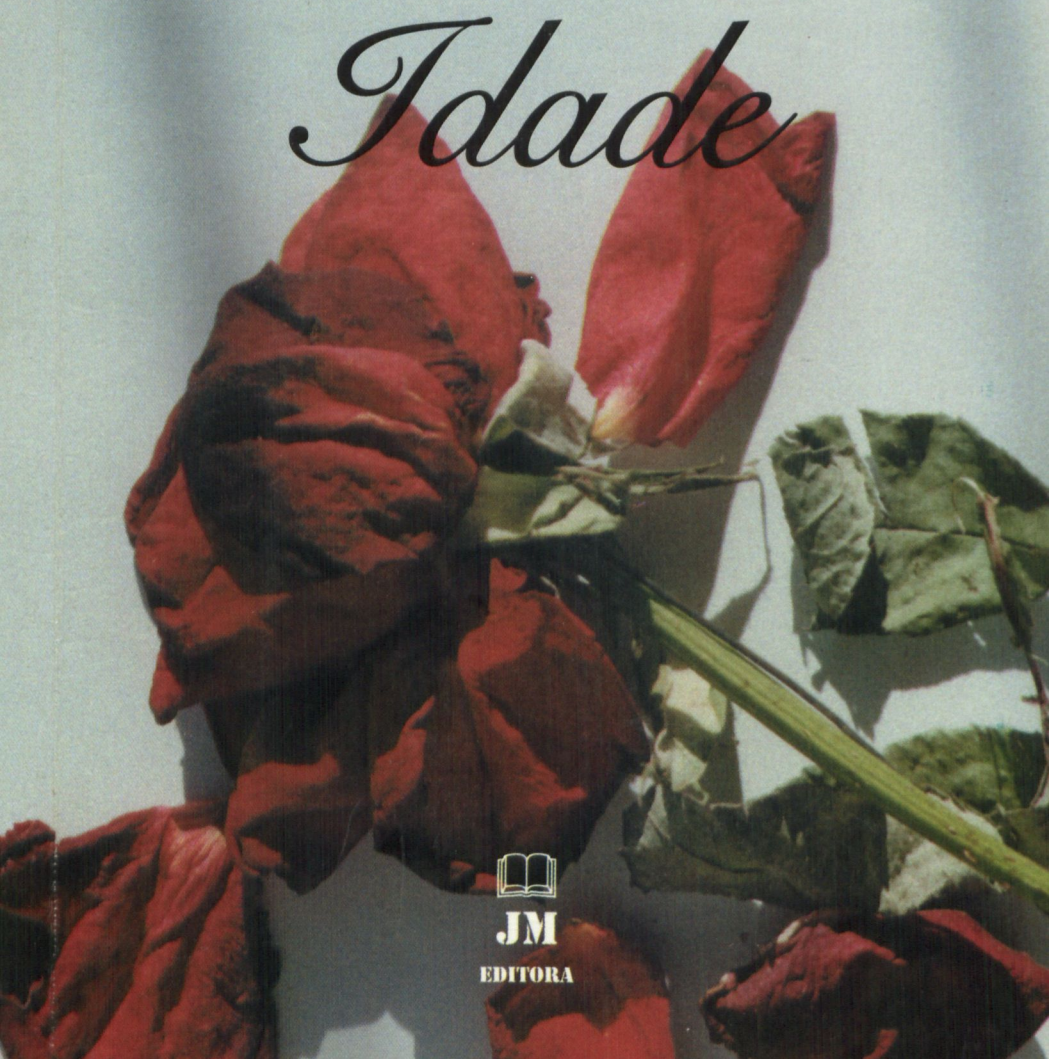


Maria Ligia Romanow

*A Última
Idade*



JM

EDITORA

Final de tarde. 1.999. O ar abafado, outonal, é insuportável, assim como sempre foi nesta época do ano. Embora estejamos no final do inverno, surpreende-nos a espécie de clima, devido as queimadas das matas, provocadas ou não, que ocorrem sistematicamente na região, e na maioria dos Estados brasileiros, ano após ano.

A cidade encontra-se enfumaçada e tristonha, como se houvesse um mau presságio. A sensação indefinida ocorre sem maiores explicações ou mesmo sem nenhuma previsibilidade técnica.

O ar irrespirável é notícia nos informativos nacionais da mídia, e dessa forma nos mantemos ansiosos e intranquilos, atingindo o objetivo dos profissionais da comunicação. Mas, desde Sócrates já se conhece a necessidade da tragédia para a sobrevivência do povo.

Tanto é verdade que na aldeia globalizada em que vivemos o que nos impele a continuar nossos dias, são as mesmíssimas catástrofes anuais que se repetem e são fartamente apregoadas, tais como enchentes, terremotos, secas prolongadas, alagamentos, tornados, furacões e outros fenômenos da natureza que são imprevisíveis.

Embora seja sempre igual, a mesma notícia é dada com entusiasmo pelos repórteres como se fora uma novidade, pela mídia em geral, mais especialmente pelos noticiários de televisão, cujos profissionais optam por uma performance no sentido de aterrorizar as pessoas. Antigamente não nos era servido o prato cheio, porque apenas ainda não nos encontrávamos tão próximos.

A rua está coberta de folhas secas sopradas pelo vento irritante, e pelo movimento absurdo dos veículos que transitam pela Avenida de forma neurótica, todos com demasiada pressa, todos muito atordoados pelo clima. O ruído infernal chega até o portão imponente de grades altíssimas pintado de negro, onde pende uma sofisticada campainha e onde mais acima pende uma placa em que se lê ASILO SÃO JOSÉ.

Nada se pode observar além do portão, que visto de fora ali naquela avenida ruidosa, um Asilo se tornava quase que inexistente. No entanto temos uma bela entrada muito bem conservada, pavimentada, com mais de cem metros fartamente arborizada nas laterais, com um lindo jardimamento colorido, onde não se faziam sentir os rigores da seca e do ar quente que tanto incomoda.

Pequenas alamedas com bancos de ferro trabalhado, mesas graciosas até mesmo convidativas à sombra das árvores um tanto quanto ressentidas pela rigidez do clima, quando mais se enxerga alguns velhinhos de aparência tranqüila, descansando.

A entrada do prédio é composta por duas grandes portas que se encontram abertas. Na porta esquerda, ou seja, na entrada da esquerda, uma ampla sala muito iluminada e

bem mobiliada, algumas pessoas se movimentam no trabalho diário costumeiro.

São algumas freiras que cuidam do Asilo, alguns rapazes, e duas moças frescas, irrepreensivelmente vestidas com elegância, desconcertantemente belas para um mundo onde não se espera encontra-las, uma vez que em Asilos tais presenças surpreendem pelo contraste.

O estabelecimento é administrado por um grupo de voluntários que arrecadam fundos para a manutenção dos velhos abrigados ali.

A porta da direita dá entrada para um espaço enorme, um imenso salão, onde está sendo celebrada uma missa em intenção da alma de um idoso, que morrera de derrame cerebral fulminante no dia anterior. O referido espaço é utilizado para todos os eventos: missas, reuniões, encontros com parentes e amigos, enfim é usado em sua totalidade e para todos os fins e comodidade dos seus habitantes.

O Asilo é uma casa de assistência social onde se recolhem e se abrigam velhos e mendigos, é onde se recolhem em Asilo, ou se dá proteção aos velhos, e isto é o que a população conhece sobre Asilos. Na verdade raramente se encontrará alguém que queira saber mais sobre o assunto, por sinal que causa aversão e não se ousa tratar.

Ocorre que Asilo é um universo próprio e apropriado para o ser da espécie humana, ou seja, especificamente para o animal racional quando decrépito e indesejável no mundo. É o pensamento que ninguém quer pensar, é uma vida para quase mortos.

Isto porque de nada vale dizer que é tão bom ser velho, que a velhice é serena, que eles são tão bons e queridos,

tranqüilos, que possuem muita experiência da vida ou coisas do gênero, porque o TEMPO É POUCO PARA OS VELHOS QUE TEEM MUITO TEMPO para gastar nos dias da mais absoluta solidão.

O velhinho é dono único, com direito de posse concretizada em sua propriedade exclusiva e incondicional de lembrar, relembrar e relembrar todas as suas lembranças. Porém a espera da morte que ninguém deseja, em se tratando de idosos, é o reconhecimento por toda uma vida, boa ou má. São eles que desfrutam desta espera que é só deles e a qual não podem dividir.

A solidão desta espera é intransferível. Pertence a quem a possui e somente cada qual a conhece mais intimamente. Não existem meios de se narrar o tipo de aflição, nada consola. É o momento em que a pessoa toma conta da própria vida.

Na velhice, o homem dispõe de todo o tempo que antes não lhe pertencia, e o pior, deve cuidar desse tempo. As pessoas no geral tem um determinado tipo de talento. Todas tem talento, mas se durante toda a vida não se lhe despertou qualquer espécie, finalmente nessa fase da vida terá de usa-lo para dispor do seu tempo da melhor maneira possível.

Visto ser a velhice a primeira das mortes, diga-se da que se encontram nos Asilos, velhos doentes e enfermos, os da última idade, daqueles que já se decompuseram fisicamente, dos surdos, desdentados, alquebrados, e principalmente doentes, e que não tem para onde ir, abandonados, deixados para morrer. Portanto, esse tipo, essa espécie de idoso, morre duas vezes, uma pela agonia da espera, a outra pela própria morte. E são tais as pessoas que habitam o Asilo, e são a essas pessoas que nos referimos e por quem nos interessamos.

Os Asilos são casas de assistência aos idosos, de proteção a eles, e só. Coisa alguma irá mudar a condição do velho. Ali naturalmente encontramos pessoas que são remuneradas para tratar deles, é um funcionalismo especial, por ser um trabalho difícil. Uma tarefa das mais complicadas.

Portanto, Asilos são prédios ou edificações que abrigam VELHOS. Assim como são as prisões, que são prédios ou edificações que abrigam os homens que perderam sua liberdade. Assim como são os hospitais para doentes mentais, que são edificações construídas para essa finalidade. Ou melhor, são os locais onde se recolhem os dementes, isto quer dizer que são várias as espécies de edificações, o que significa também que nenhum tipo de construção irá mudar o destino do homem. O velho será um velho, o demente será demente e o marginal será o marginal, independentemente do tipo de edifício que o homem habite, mas que um dia todos serão idosos, chegarão a última idade.

A porta da esquerda é a entrada para o interior do prédio de dois andares. Uma ampla sala mobiliada em estilo moderno, muito iluminada, nada de excessivamente luxuoso o que é normal, mas de uma frescura e conforto notáveis. Tal ambiente é onde as pessoas que vem para trazer os seus anciãos, são recebidas. Os móveis bonitos, simples, de bom gosto, o aspecto alegre, o cheiro de limpeza, flores, tranqüilidade e paz.

A peça como dito, é utilizada para o momento mais importante na carreira de um idoso, ou seja quando ele é entregue para ser abrigado e protegido em sua condição de obsoleto. No canto esquerdo da sala, a escada em espiral torna ainda mais gracioso o conjunto. Nas paredes, estantes com

muitos livros organizados impecavelmente. O conjunto de sofás é um convite ao descanso na sala sobriamente colorida.

No lado direito da peça, abre-se uma porta muito bem talhada para um corredor em cujo final encontra-se mais uma porta a qual se abre para um pátio interno, e ali espalham-se muitos bancos, brancos de ferro trabalhados em estilo moderno, onde no momento alguns velinhos estão assentados, homens e mulheres, uns conversando, mas a maioria em silêncio meditativo, o que significa estarem eles ocupados.

Os homens formam um grupo que se colocou de um lado oposto ao grupo das mulheres. Até mesmo na velhice não se deixa de fazer presente o separatismo que busca a independência. As pessoas que ali estão, todas muito bem vestidas, nota-se um cuidado especial na apresentação, um esmero, os velinhos todos bonitos, arrumados, enfeitados, tem-se a impressão que estão esperando visitas. Todos comedidos em seu comportamento direcionado para o próprio comportamento.

Ali é o pátio de descanso deles. Tal pátio é semi-coberto com arranjos de folhagens, vários vasos de samambaias lindas, avencas, e para completar o delicioso lugar, uma espécie de alameda minúscula com flores, muitas flores, coloridas, no centro, para enfeitar os dias, e as tardes dos abrigados.

O pátio é onde de noite a lua se derrama do seu círculo de prata, nas frentes dos velhos que em silêncio esperam a eternidade. O pátio é onde se enxerga todo o individualismo do ser humano, sua fragilidade e sua força, diante da verdade abstrata com que se trata a vida e de como ela nos trata.

No final, bem no canto da esquerda, existe um portão, é um portão bem alto e forte, que é todo fechado,

nada podendo se entrever, e que divide o primeiro pátio do segundo onde iremos encontrar os velhos problemáticos.

Velhos problemáticos são aqueles que foram depositados no Asilo, ou seja, levados até ali por pessoas que não são seus parentes ou filhos. Foram deixados por entidades filantrópicas que tratam de mendigos que são encontrados nas ruas, praças da cidade, ou advindos de outras áreas e localidades e das mais diversas partes da região. Desde que tenham sido encontrados dentro dos limites do Município, pois os próprios funcionários os depositam nos Asilos existentes.

Sendo assim o segundo pátio é o utilizado para o descanso dos velhos problemáticos, aqueles que foram levados para o Asilo São José, pelo próprio poder público, e que afinal Asilo é o lugar público onde se abrigam e protegem os idosos e se recolhem os ditos anciãos.

Apenas com essa diferença de que então os velhos problemáticos não possuem recurso algum, de finanças, ou seja, recurso financeiro algum, que possa cobrir parte do mínimo do mínimo de alguma despesa, que um ser humano tenha para sobreviver.

Parece ser isto um problema muito sério, daí o nome dado a eles, de problemáticos, isto vem dar a impressão de que é importante para os governantes dos municípios tal diferença.

A desigualdade é fundamental para os que ali se encontram. Pois os habitantes do primeiro pátio semi-coberto, com muitas flores e verdes, já não apresentam esta dificuldade, pois foram os parentes e ou os filhos que os deixaram ali, filhos esses que possuem um modo de vida que permite a vantagem sobre os demais velhos.

Modo de vida que consiste em uma certa liberalidade e prodigalidade que se converte em um pagamento mensal razoável, que não consistirá em enorme sacrifício, pois que ora, ora, um dia tudo tem um fim mesmo.

Os filhos tem seus compromissos, seus próprios filhos, suas mulheres que não devem ser prejudicadas em seus afazeres sociais, suas viagens e outras tarefas, em detrimento de tais pessoas, pois que afinal elas não são responsáveis pela situação e os limites que a velhice impõe a todos.

O que se encontra no segundo pátio já não é uma beleza pura de se olhar. É que os velhos dali tem um comportamento mais pertinente aos pobres problemáticos. Também o pátio não tem o verde do primeiro pátio, nem os banquinhos, nem as flores. São bancos de madeira, compridos onde se sentam muitos velhos ao mesmo tempo. Várias escarradeiras se espalham no centro do pátio.

Todos os que ali se encontram, estão misturados, um grande número deles conversa ao mesmo tempo, mesmo que seja para si próprio. É uma balbúrdia. Velho pobre não tem educação mesmo. Não existe etiqueta, preconceito, formalidade.

Velho babando, escarrando, cuspidando em todas as direções, em cadeiras de roda, em pé, sentados, alguns calados, outros gritando, outros cantando, uns bem trololós, velhinhas rezando, o que é interessante, porque sempre são as mulheres que rezam mais, e muito cheiro de xixi e de cocô.

Isto sem contar que se trata de um Asilo no Brasil onde o prato do dia, isto para os pobres, é o arroz e feijão. Então os velhinhos que ali vivem na ala dos problemáticos, fazem duas refeições por dia de arroz e feijão, daí que eles